

BURSZTYN, Marcel. **Desafios da Institucionalização da Abordagem Interdisciplinar na Pesquisa e Ensino na Universidade Brasileira.** Palestra apresentada durante o VII seminário de Pesquisa e Pós-graduação da UESC. Ilhéus, 2003*

Aline de Caldas [1]

Gisane Santana [2]

É fácil construir coisas com Lego, pensou. Embora elas sejam de diferentes tamanhos e formas, todas podem ser combinadas entre si.. (...) Além disso, as peças de Lego possuem ganchos e engates, por assim dizer, o que permite que sejam combinadas na construção de todo tipo de figura..

Jostein Gaarder

Em sua palestra, Marcel Bursztyn reúne desafios históricos que levam a Universidade ao questionamento entre afirmar-se enquanto um instrumento social e viver em distanciamento para com a problemática social. Sua proposta é uma reflexão sobre o atrelamento da Universidade à tendência a se aprofundar em áreas especializadas, que não conseguem dialogar entre si. Em sua concepção, a *Universidade*, que esteve durante muito tempo confinada em instituições como mosteiros, nos quais os sábios recolhiam-se ao isolamento, ainda não adquiriu muita preocupação funcional para com a pesquisa em relação à sociedade, que é, na verdade, quem a financia.

Bursztyn incita à decodificação do sistema acadêmico, das especificidades nas linguagens, para que a pesquisa alcance o caráter universal do conhecimento, da interação. Há aproximadamente duzentos anos, a Universidade começou a conquistar mais autonomia quanto às amarras dos dogmas institucionais, começou a construir o pensamento mais livre, contudo, ainda ligado a condicionantes, a correntes de pensamento, como o Positivismo. Aos cientistas cabia manter o *status quo* no século XIX, marcado pela orientação da Universidade enquanto espaço de produção técnica em lugar de ciência.

Segundo o autor, a partir da Segunda Guerra Mundial, a Universidade torna-se presa à sua lógica de expansão. Isto torna opaco o princípio da universalidade para apresentar-se como uma federação de sub-sistemas que não se entrelaçam. Desse

modo, a Universidade tornou-se um aglomerado de microcosmos individualizados, à medida que foi “departamentalizando-se”, remetendo ao sistema feudal, em que cada feudo, cada departamento, funcionava de maneira independente do todo, isolado dos que o circundam. Bursztyn fala de um crescente mal-estar na comunidade acadêmica por não consumir a totalidade. “Nós somos preparados para produzir uma peça do quebra-cabeça, sob o risco delas não se encaixarem, por não dialogarem durante a sua confecção”. Para ele, o elo de ligação entre as produções deve ser o seu uso social.

O autor percebe uma pretensão acadêmica generalizada em encontrar uma situação idealizada superior à mecânica da realidade, o que implica num desencontro entre a produção do conhecimento e a realidade social. Como resolver o problema da não aplicabilidade da pesquisa? Como institucionalizar o espaço da pesquisa? Bursztyn ressalta que não possui nada pessoal contra a especialização, mas que enxerga a necessidade de se criar a complementaridade das pesquisas no espaço institucional. Para ele, é necessário saber planejar bem a sobrevivência, “saber reunir as pesquisas num diálogo constante, como num quebra cabeças”.

Bursztyn elenca as principais dificuldades da interdisciplinaridade institucional. A primeira refere-se aos mecanismos de legitimação da pesquisa, muito fundamentados em especializações, com linguagens diferenciadas e que limitam o público alvo. Existe aí, o julgamento dos pares, dos que reconhecem e dominam as linguagens.

A criação de espaços interdisciplinar em Universidades depara-se com momentos econômicos desfavoráveis, no qual as concorrências por financiamento tornam-se acirradas. Nesse caso, o “especialista em generalidades”, aqui entendido como sendo o responsável por “montar o quebra cabeças”, ou seja, a pessoa que conhece um pouco de cada especialidade e pensa na sua aplicação no contexto social, fica em segundo plano.

Além disso, a forma como operar a estratégia da abertura de espaços interdisciplinares ainda está indefinida. É preciso olhar os espaços generalizados não como concorrentes, mas como complementares departamentos, funcionando como focos de expansão do conhecimento, refletindo acerca da lógica do todo, na tentativa de romper o preconceito contra quem monta o quebra cabeças. Falta criar mecanismos pertinentes de validação da interdisciplinaridade, como forma de afirmar a identidade da área.

O autor propõe uma “transciência”, para a qual é necessário levar em consideração fatores como realidades complexas indisciplinadas, saberes indisciplinados, entender a organização de uma equipe transdisciplinar, utilizar os métodos e práticas interdisciplinadas como interação entre competências diferenciadas e saber que a transdisciplinaridade é o resultado de um olhar interdisciplinar.

* Sociólogo e Economista. Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Unb. Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Doutor pela Universidade Sorbone (Paris), em (1) Desenvolvimento Econômico e Social e (2) Economia Regional. Publicou dois livros com o título Clientelismo no Nordeste.

[1] Graduada em Comunicação Social (rádio e TV) e mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus, BA). Pesquisadora na área de Comunicação e Cultura Popular e colaboradora do Programa Pensar a Agir com a Cultura: Curso Desenvolvimento e Gestão Cultural/ Rede de Gestores Regionais de Cultura - Belo Horizonte/Ouro Preto.

[2] Graduada em Letras e especialista em Estudos Comparados de Literatura pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus, BA).